

João Pinto Coelho

PERGUNTEM A SARAH GROSS

Romance

«Ergue os olhos e contempla o céu: é um cemitério,
um cemitério invisível, o maior da História.»

Elie Wiesel, *THE HOLOCAUST, VOICES OF SCHOLARS*

MAPA DA POLÓNIA OCUPADA 1940



ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

FEVEREIRO, 1968

Deitou-se a pensar nela e, apesar de continuar sozinho, foi com ela que acordou de madrugada. Ficou na cama uma hora, o que acontecia todos os dias, apreciando cada minuto daquele silêncio absoluto. Com o tempo, aprendera a escolher as paragens dos seus pensamentos e sabia bem aonde não queria regressar. Era certo que ela nunca lho dissera, mas, fugazmente, chegara a sentir-se aceite. Pelo menos até perceber que era temido, e isso confundira-o. Não fosse a determinação dos que olham o mundo de cima, havia muito teria saído da sua vida. Mas não, nunca o faria. Pouco lhe importava o correr dos anos ou a lonjura dos caminhos – o que valem o tempo e o lugar numa alma entregue? Bastava-lhe um olhar fugidivo, ocasional, mas tinha de a ver, tinha de a saber por perto. Se encontrasse a coragem para se aproximar, talvez lhe ouvisse a voz, ou, quem sabe, voltasse a sentir o perfume que irradia dos anjos. Que seria de si se ela um dia o olhasse de frente, se o quisesse? Habituará-se a não pensar nisso, mas, por vezes, até um homem previdente gosta de recordar o que nunca aconteceu.

Não faz mal, pensava muitas vezes, tinha-a próxima e isso bastava. Só havia uma coisa que não poderia admitir e acreditava que ela o soubesse: a traição precipitaria tudo, e o passado provava que ele sabia ser implacável.

COTTAGE GROVE, OREGON, EUA
OUTUBRO, 2013

Gosto de ouvir a chuva quando escrevo. Talvez por isso, tenha escolhido este dia para me sentar pela última vez diante do caderno. O fim da tarde está pardacento e frio, e o meu quarto mudou pouco nestes quase oitenta anos. De novidade, talvez só a escrivaninha que trouxe do escritório do meu pai. O aroma da sua madeira é o cheiro dele e a memória mais vívida que me resta. Além disso, a casa vazia, mais os detalhes que lembram os anos felizes e os que se seguiram. Apesar de ter o quarto aquecido e as pernas cobertas por uma manta, o frio não me larga. Dizem que nos velhos isso acontece muitas vezes, pois é um frio que vem de dentro. Assim, o único remédio é esquecer-me dele. Na verdade, passo muito do meu tempo a tentar esquecer-me. Esquecer-me do presente, e do futuro também. Outro sinal de velhice, eu sei. Valha-me aquilo que vi e ouvi quando me queria lembrar de tudo. Nunca soube se a minha vida dava um livro, mas agora, que o escrevi, não me arrependo por, a páginas tantas, levada por parágrafos imprevistos, ter revisto os recursos expressivos, como quem troca o pijama pela roupa de sair. Contemplo as primeiras linhas, capítulos arrastados e sem notas nas margens; o que vale uma hipérbole quando o verbo é de encher? Mas tudo muda com uma frase que dói, um ferrete gravado a sangue-frio que distorce a caligrafia com que se escreve o que vem a seguir.

SHELTON, CONNECTICUT, EUA

ABRIL, 1968

O meu preâmbulo são duas páginas que o tempo não descolou. A primeira fala do homem que me fez, que nasceu e se casou pobre; a segunda, da sua mulher que, nascendo rica, se tornou pobre quando o aceitou. Querida mãe, que mal te fez aos sonhos teres saboreado o luxo; mas não venha o diabo ao mundo, pois até aos bem-aventurados cumpre, de vez em quando, aprender a baixar as bainhas à vida.

Já eu, não, sempre calcei o número certo. Não sou personagem para dar nome a uma história, nem mulher que fuja de uma paixão. Deito-me sozinha com Beckett ou Joyce, apenas porque me apetece, mas traio-os a todos por uma frase.

E, como quem trai imortais não se inibe de infidelidades mais prosaicas, soube virar as costas a Cottage Grove, no Oregon, atravessar a América e tentar na Nova Inglaterra. Tentar mais uma vez.

- Kimberly, querida, o que é que te faz acreditar poderes ser feliz, do outro lado do mundo?

O mundo para Nat era tudo aquilo que se estendia para além de Willamette Valley. Nat era o meu pai, a raiz mais dura de desprender.

Amo com as entranhas quase tudo o que ali deixei, mas está por amanhecer o dia em que lamente aquela decisão. Nada seduz no Connecticut como Shelton, a pequena cidade do condado de Fairfield que foi terra de índios e emigrantes. E depois há St. Oswald's, claro, o colégio preferido pela

aristocracia industrial da América. Nos anos 60 chegou a ser tão icónico como um par de *jeans*, mas daqueles da *Limbo*, que se compravam em East Village por uma fortuna. As más-línguas deviam-lhe muito, mas a velha escola, que detestava ser corriqueira, valia-se de não ter ouvidos e lá continuava, digna como há cem anos, a talhar os herdeiros ricos de um país mudado.

A primeira vez que a vi, captei o peso de um século inteiro de notoriedade. A sombra da fachada neogótica cobriu-me como um manto de censura e as janelas de guilhotina, guardiãs alcoviteiras, pareciam espreitar as minhas origens, ansiosas pela revelação humilhante. Ainda assim, subi. Junto do enorme portal, alguns grupos de adolescentes honraram-me com a mesma atenção que atribuíam às folhas de plátano que esvoaçavam. Era essa aragem que me desalinava e soprava aos ouvidos segredos contraditórios. Quero acreditar que tais sentimentos não sejam invulgares no íntimo daqueles que se preparam para uma entrevista assim decisiva.

– *Posso ajudá-la?*

Diabo! Seria assim tão óbvio o meu ar perdido? Virei-me em direção à voz rouca que me interpelara e deparei com uma figura inesperada. Era um homem invulgarmente baixo e já curvado pela idade avançada. Vestia um jaquetão azul-escuro, de certeza feito à medida, e observava-me com cortesia profissional.

– Chamo-me Kimberly Parker – apresentei-me. – Tenho um encontro marcado com Miss Sarah Gross.

Ele sorriu, mas só com os olhos cansados. Era provável que já soubesse quem eu era e ao que vinha. Cumprimentou-me com um aperto de mão e uma vénia discreta.

– Sou Everett, Miss Parker – disse com uma voz afável. – Estava à sua espera. Miss Gross vai recebê-la imediatamente. Queira ter a gentileza de me acompanhar.

Notei que o meu anfitrião apresentava as maneiras de um mordomo vitoriano, apesar de deixar transparecer algum divertimento na tarefa que lhe cabia naquele momento. Enquanto o acompanhava, o eco dos meus passos contrastava

grosseiramente com o flutuar gracioso de Everett, parecendo ampliar as enormes proporções dos corredores que atravessávamos. Os candeeiros, que pendiam dos tetos nervurados a cada vinte passadas, projetavam sombras grotescas na parede oposta à das janelas, alternando com o ritmo das portas maciças. Uma vez que algumas se encontravam entreabertas, pude espreitar pela primeira vez para o interior das salas de aula de St. Oswald's, esses pequenos templos do saber a quem a América confiava os seus filhos mais abastados havia mais de quatro gerações. Reparei, também, na idade dos professores, na sua postura autocrática, e não me surpreendi. No entanto, reconheço hoje, o que me incomodou foi o silêncio; o silêncio pesado que se ouvia no intervalo das palavras proclamadas por todos aqueles mestres de fato escuro. Parecia carente de sangue pulsante, o velho colégio. Essa perspectiva trouxe-me de volta a figura imaginada de Miss Sarah Gross. Como seria a matriarca de St. Oswald's? Com que aspirações governaria esta escola? Não tardaria a descobri-lo, uma vez que, pouco depois de subirmos ao primeiro piso, transpusemos uma pesadíssima porta de duas folhas que dava para uma divisão imponente, forrada a painéis de carvalho. Distribuídos pelas quatro paredes, alinhavam-se os retratos afidalgados de inúmeras personagens: imaginei antigos diretores, distintos professores e, quem sabe, um ou outro aluno que se houvesse destacado para lá dos muros da instituição centenária. Encostados ao lambrim que rodeava a sala, apuravam-se dezenas de assentos em madeira trabalhada, o que faria lembrar um cadeiral monástico, não fosse pelos motivos pagãos que decoravam os espaldares envernizados. Entretanto, sentada atrás de uma enorme secretária, uma mulher de feições cordiais e postura delicada falava ao telefone em surdina. Demorou uns segundos até tapar o bocal com uma das mãos e me dirigir a palavra:

– Miss Parker, certo? – perguntou com um sorriso. – A senhora diretora aguarda-a. Venha comigo, por favor.

Ao dizer isto, desculpou-se ao telefone e pousou-o com suavidade, antes de se levantar e encaminhar para uma porta

recortada no meio dos painéis de madeira. Bateu ao de leve com os nós dos dedos e, sem esperar resposta, abriu-a, convidando-me a entrar, com mais um sorriso.

Avancei resoluta, não tanto pela segurança que me animava, mas sobretudo pela determinação que queria exhibir. Curiosamente, a imagem mais nítida que guardo de Miss Gross é a que me ficou do primeiro encontro. Encontrava-se de pé, de costas para a porta e absolutamente imóvel. Observava sabe-se lá o quê através da sacada de madeira sem cortinas. Vestia de forma simples e o casaco de malha amarelo esbatido era a única peça de roupa que fugia à escala dos cinzentos. O seu cabelo curto, de um branco absoluto, tocava apenas ao de leve a gola de seda bem apertada. Era uma mulher de média estatura, coberta por uma austeridade elegante, um pouco rígida, talvez. Quando se virou, senti-me chocada. Teria cerca de cinquenta e poucos anos, seguramente não mais de sessenta, e a beleza do seu rosto fez-me esquecer por momentos as razões da minha presença naquele lugar. Seria pelos olhos profundamente misteriosos e incaracterísticos, cada qual de sua cor, ou por tudo aquilo que se escondia atrás deles? Há certas manifestações que só aos poetas cabe traduzir.

– Olá, Miss Parker. Bem-vinda a St. Oswald's.

Apesar de a sua voz surgir distinta e colocada, ficou a sensação de que utilizara apenas o volume essencial para se fazer ouvir. Não sorriu, aliás, acho que nunca cheguei a vê-la sorrir.

– Muito obrigada, Miss Gross. Aguardava este momento com muita expectativa.

Naqueles instantes experimentava um misto de ansiedade e alívio. Imagino que um jogador de casino passe por sensação semelhante após lançar os dados.

– Sente-se, por favor. – Obedeci-lhe enquanto varria discretamente com um olhar tudo o que me rodeava. Ao contrário da sala que o antecedia, este gabinete era muito mais despido: os raros quadros e *bibelots* diziam bem com a sobriedade da diretora. – Como correu a viagem? – perguntou. – Deve ter sido muito desgastante.

– Nem por isso. A novidade do trajeto alivia muito a distância. De certeza que o regresso não será tão agradável.

– Veio de comboio, não é verdade?

– Sim. E foi uma decisão acertada.

Ninguém precisava saber que detesto alturas.

– E quando tenciona regressar?

– Parto hoje mesmo, a meio da tarde – respondi. – Cheguei a Shelton há três dias, é mais do que suficiente para recuperar forças.

– Então, vou fazer o possível por não a prender muito tempo.

– Enquanto se sentava, reparei que Miss Gross pousava sobre a mesa um maço de envelopes que me eram familiares. – Lemos com atenção as cartas que nos enviou. Devo dizer que levámos muito a sério as suas referências. Ainda assim, já que tenho o privilégio de a ter aqui, gostaria que nos falasse um pouco mais de si.

– Naturalmente – afirmei. – Só tenho de agradecer a oportunidade.

Como se sentisse a necessidade de reforçar o que ia dizer, Miss Gross apoiou os cotovelos na secretária, entrelaçou os dedos à altura do queixo e fitou-me intensamente.

– Quero ser frontal consigo, Miss Parker, e fazê-la notar que não será só pelos seus diplomas ou recomendações que poderá vir a dar aulas nesta escola. Por favor, entenda que não pomos em causa o seu valor científico, mas veja por si mesma – disse, ao mesmo tempo que apontava para uma vitrina carregada de pastas de cores e grossuras variadas. – É naquelas prateleiras que arquivamos as candidaturas ao lugar de professores. Chegam-nos de todo o país, como calcula. Acredite no que lhe digo, temos ali currículos que seriam disputados por qualquer uma das *Ivies*¹. Apesar disso, Miss Parker, aquele é o armário dos processos recusados. Por isso lhe peço: ajude-nos a conhecê-la; ajude-nos a perceber porque é que no meio de tanta excelência académica a devemos escolher a si.

¹Termo que designa cada uma das oito universidades norte-americanas que compõem a Ivy League, símbolo máximo de excelência e elitismo do sistema universitário daquele país.

Ao longo das intermináveis horas de comboio que me separavam da cidade natal, tive muitas vezes a oportunidade de ensaiar mentalmente a minha apresentação. Apesar disso, naquele momento e perante aquele olhar, a memória desses exercícios esfumou-se por completo.

Miss Gross era sagaz e decidiu dar-me a mão.

– Porquê St. Oswald’s, Miss Parker?

Aí estava a primeira pergunta previsível; ainda assim, precisei de uns segundos, antes de responder.

– Talvez porque, a nível pré-universitário, St. Oswald’s é bem capaz de ser o melhor laboratório de literatura do país.

Miss Gross acenou, em sinal de aprovação.

– É uma boa razão. Lembra-se de mais alguma?

– Bem, para ser franca, não posso negar que a perspetiva de ensinar num colégio como este sempre me fascinou.

– Quer ser mais precisa?

– É difícil. Penso que toda esta envolvência acaba por nos contagiar, sabe? Sobretudo, acredito que St. Oswald’s me pode dar condições para ir mais longe.

– E até onde tenciona ir, Miss Parker?

– A literatura é um campo suficientemente fértil para que me atreva a pôr limites. Dependerá muito dos alunos que vou encontrar, acho eu, mas tenho boas razões para estar otimista.

– E que razões são essas?

– Bem, estou convencida de que os vossos critérios de admissão são uma garantia mais do que satisfatória. A tradição desta escola não surge do acaso.

– Tradição ou fama?

– Não poderão ser as duas?

– Suponho que sim – disse Miss Gross, encolhendo os ombros. – E mais?

– A biblioteca, é lógico. Oiço falar da biblioteca de St. Oswald’s desde o meu primeiro ano em Berkeley. Como calcula, isso é a cereja no topo do bolo para qualquer professor da minha área.

– Também é compreensível.

Também é compreensível? Claro que era compreensível; tão compreensível como previsível e escasso. Era evidente que não ia dizer tudo, mas, caramba, tinha de acrescentar alguma coisa se não queria ir parar à prateleira dos proscritos.

– E depois há o compromisso, naturalmente – afirmei. Miss Gross recostou-se mais confortavelmente, à espera do que aí vinha. – Por favor, não me interprete mal, Miss Gross, mas, quando decidi enviar-vos a minha candidatura, estava consciente de que, se fosse aceite, estaria a despedir-me de parte da minha vida; estaria a trocar a minha casa, os meus pais, os meus fins de semana e os meus hábitos de tantos anos pela clausura de um colégio interno a quatro mil quilómetros. Isso implica compromisso.

– Não queremos que se sinta presa, Miss Parker – provocou a diretora.

– Não corro esse risco, posso assegurar-lhe.

Miss Gross olhou-me em silêncio, interpretando as minhas palavras. Por fim, levantou-se da cadeira e dirigiu-se a uma estante, de onde tirou um pequeno livro, que reconheci de imediato.

– Li o seu ensaio sobre Faulkner – disse, enquanto o folheava mecanicamente. – Muito bom. – Miss Gross referia-se ao *Tríptico de Absalom!*, um livro que eu tinha publicado havia um ano, no qual procurava traçar um fio condutor sobre três períodos distintos da sociedade americana, à luz da obra de William Faulkner. Suscitou suficiente discussão académica para que se considerasse uma segunda edição, o que fora ótimo. Contudo, e ao contrário da minha vontade, o livro tornara-se mais conhecido pela reflexão sociológica do que pela análise literária. Não achei oportuno perguntar a Miss Gross qual das perspetivas a tinha impressionado mais. – É uma idealista, Miss Parker? – perguntou, sem tirar os olhos das páginas.

Não estava à espera daquela abordagem.

– Em que sentido?

– É uma guerreira? – insistiu. – Tem convicções? É capaz de lutar por elas? – Pousou o livro e olhou-me como se procurasse respostas no meu interior. – Já me disse que está disposta a

comprometer-se com a escola e, como calcula, nem eu admitiria outra coisa. A questão é antes: aceita comprometer-se com aquilo em que acredita?

– Sim, claro... – respondi sem ter a certeza daquilo que me propunha.

Avaliando a minha hesitação, Miss Gross sentou-se.

– Miss Parker, quando analisei a sua candidatura, fiz questão, como lhe disse, de ler atentamente o seu ensaio. Não é difícil de desvendar a sua ideia da América e, devo dizer-lhe, foi-me muito gratificante constatar que temos alguns pontos de vista comuns. O que eu preciso de saber é se está disposta a retirar as suas convicções daquelas páginas e usá-las, todos os dias, a favor desta escola e destes alunos.

Era óbvio que Miss Gross descobrira no meu ensaio a visão em bruto de uma nação doente. Melhor assim. A América que eu amava continuava a gritar por aquelas coisas simples que um país de bem nunca nega aos filhos. Pelos vistos, eu e ela distinguíamos esse clamor e odiávamos-lhe as causas. Então, empolgámo-nos e falámos muito tempo e só nos calámos quando tivemos a certeza de que dizíamos o mesmo. O cinismo de St. Oswald's era o véu que Miss Gross queria rasgar; abrir o colégio à realidade escondida para lá dos muros. E eu, que na sala de aula sempre preferi dar a provar a vida mal passada, comprometi-me com ela e comigo mesma.

– Muito bem – concluiu, enquanto levantava o auscultador. – Mrs. Aniston, por favor, diga ao Professor Forrester que estamos à espera dele. – Assim que desligou, encarou-me de novo. – Resumindo: o seu desempenho académico é relevante e a avaliação dos seus superiores dificilmente poderia ser mais abonatória. Também não ponho em causa a sua capacidade de entrega e acredito na força das suas ideias. De qualquer modo, certamente entenderá que a decisão final terá sempre em conta o julgamento dos outros membros do Comité Cohen-Morgenstern.

– Naturalmente. Cada colégio tem os seus procedimentos – concluí, sem surpresa. Aquela foi a primeira das muitas vezes que ouvi falar do Comité. Tratava-se de uma espécie de

conselho de notáveis, todos eles indicados pela fundação que lhe emprestava o nome e geria os destinos do colégio havia décadas. A extensa área arborizada em que a escola se instalava – mais de cento e noventa hectares –, bem como todos os edifícios que a compunham, eram propriedade da fundação, o que ajudava a perceber a legitimidade com que a mesma se arrogava tomar parte na decisão sobre as admissões. Mesmo de uma mera professora de Literatura Americana, como eu.

– A propósito – prosseguiu Miss Gross –, gostaria que conhecesse um dos seus membros. Mr. Raymond Forrester está à frente do Departamento de Línguas há mais de vinte anos e nunca dispensa uma troca de impressões com os candidatos da sua área disciplinar. – Nos minutos que se seguiram, Miss Gross foi-me fornecendo alguns detalhes sobre a longa história da instituição que dirigia. Subitamente, o telefone fez-se ouvir. – Muito bem. Diga-lhe que entre – ordenou. Então, ao mesmo tempo que desligava, olhou para mim. – Miss Parker, há outra coisa que gostaria que soubesse: Mr. Forrester é uma pessoa muito peculiar. Por favor, não leve nada do que disser demasiado a peito.

Foi com estas palavras que o meu espírito desassossegado se preparou para as idiossincrasias de Raymond Forrester. Quando a porta se abriu de rompante, os primeiros cumprimentos foram para a diretora:

– Sarah, Sarah, gosto em vê-la! Já lá vão umas semanas, verdade? Confesso que começava a sentir a falta da sua presença inspiradora.

O autor destas palavras era uma personagem impressionante. Embora de estatura meã, Mr. Forrester destacava-se pela voz de barítono, bem como pelas magníficas suíças que lhe emolduravam o rosto. Vestia sem esmero um fato de fazenda listado, cujo ar folgado acusava nele um passado obeso.

– A sério, Raymond? – perguntou Miss Gross, secamente. – Não me diga que perdeu o rasto à sua musa.

– Oh, não, nada disso. Libertei-a, sabe, deixei-a ir. Não era justo mantê-la ofuscada pelo brilho que irradia deste gabinete

– disse o recém-chegado, abusando do sarcasmo. – Vamos lá, Sarah, quando se convence de que você é a luz que nos ilumina a todos?

– Quando me ceder parte da sua autoestima – propôs Miss Gross, provocando uma gargalhada trovejante no velho professor.

– Não se deixe levar pelas aparências – afirmou ele, sentando-se numa cadeira ao lado da minha, sem contudo me obsequiar com um mero olhar. – Mas vamos ao que interessa. Parece que tem mais uma viajante para me apresentar.

– Miss Kimberly Parker – apresentou Miss Gross. – A mais recente candidata ao lugar do Jake.

– Uma herança pesada, Miss Parker – comentou ele, examinando-me pela primeira vez. – O Jake Carrigan era um homem notável. Um pedagogo da velha guarda. Gostava que o visse declamar Eliot na *sala magna*. Os alunos admiravam-no. Marcava-lhes a poesia na alma como um ferro em brasa.

– É uma imagem dolorosa – comentei.

Mr. Forrester olhou-me como alguém que observa um quadro torto numa parede.

– Dolorosa é a única expressão que lhe ocorre? – perguntou, arqueando as sobrancelhas. – Curioso. Eu prefiro vê-la como perpétua. Mas também lhe digo que a estrada do conhecimento tem obstáculos; muitos deles dolorosos.

– Não quis...

– A senhora é uma aventureira, Miss Parker! – interrompeu ele, com um sorriso corrosivo. – Louvo-lhe a determinação. Este país não se atravessa sem o impulso de uma vontade férrea. Resta saber se todo esse interesse faz parte das motivações que achamos adequadas. Compreenderá que recebemos muitas jovens candidatas cheias de sonhos e ambições. Infelizmente, já nos habituámos a vê-las partir para junto dos pais ou dos maridos com uma enorme frustração. Este lugar pesa muito, sabe? Não me leve a mal, mas precisamos de perceber o que a levou a abandonar o seu mundo. St. Oswald's não é um refúgio, como calcula.

Imbecil! Sem qualquer pudor, utilizava o resistente preconceito masculino para me encostar à parede.

– Lamento que tenha deixado fugir tantas candidatas. Não consigo imaginar o que as terá desiludido a esse ponto – afirmi, tão friamente como consegui. – Mas, quanto a mim e às minhas motivações, asseguro-lhe de que não tem com que se preocupar. Estou aqui porque quero e para fazer aquilo em que sou boa. Nada mais.

Ele rosou qualquer coisa imperceptível, enquanto cofiava as suíças.

– Não duvido... mas para isso com certeza que não é necessário atravessar um continente. Há outros excelentes colégios e, seguramente, mais próximos.

– É verdade, mas, pelos vistos, nem todos admitem abrir as portas a jovens candidatas cheias de sonhos e ambições.

Mal fechei a boca, arrependi-me do que dissera. Era óbvio que Mr. Forrester já tinha por onde pegar.

– Não me diga – atirou enfaticamente. – Sobrámos nós, é isso que quer dizer? Não sabe como o lamento. Fico sempre magoado quando nos olham como uma segunda escolha. – Nem sequer tentei desafiar o seu gozo. Estava a ter o que merecia e ele não parecia disposto a dar-me tréguas. – Mas nada disso me espanta, acredita? A nossa complacente diretora não ia deixar fugir uma oportunidade de estender a mão.

Então era isso, pensei. Havia, obviamente, um problema por resolver entre Raymond Forrester e a diretora, e eu, pelos vistos, não passava de um bom pretexto para reacender velhas questões.

Apesar da provocação, Miss Gross manteve-se imperturbável. Nessa altura, o meu interlocutor debruçou-se da cadeira e, sem pedir licença, retirou de cima da mesa a pasta que continha o meu processo de candidatura. Aproximou uns óculos minúsculos do olhar inquisidor e folheou lentamente as páginas.

– O seu currículo chega a ser surpreendente – declarou de forma arrastada. – A melhor da turma durante cinco anos consecutivos é obra. Mesmo em... Cottage Grove. Um doutoramento

em Literatura Comparada, em Berkeley, ótimas referências por parte de alguns acadêmicos de nomeada, um ensaio já publicado... realmente não é pouco para os seus vinte e nove anos. Cientificamente parece-me apta, mesmo à luz dos nossos critérios. Resta saber se isso é suficiente.

– Estou pronta a esclarecê-lo sobre o que precisar, Mr. Forrester.

Sem dar mostras de me ter ouvido, pousou os papéis, recostou-se de novo, pareceu meditar por breves segundos e olhou-me com a gravidade de um pregador.

– Miss Parker, até que ponto conhece St. Oswald's? Deixe que lhe diga uma coisa. Este colégio não chega a ter setecentos alunos. Pode parecer pouco, sobretudo se atendermos à capacidade das nossas instalações, mas há uma forte razão por detrás disso, sabe? É que nós queremos os melhores, apenas os melhores; e, quando os pais nos entregam os seus filhos, estão à espera de que, quando saírem da escola, continuem a ser os melhores. E é por isso que grande parte dos nossos antigos alunos alcançou nas suas vidas um sucesso equivalente ao que um dia lhes abriu estas portas. – Mr. Forrester parecia, agora, verdadeiramente empolgado. – Esta escola talhou grandes médicos, grandes juristas e investigadores; formámos congressistas e senadores, sabia? Um em cada vinte traseiros que hoje se sentam no Capitólio foi nosso aluno, Miss Parker. E pode ter a certeza de que os outros dezanove gostariam de ter sido! – Fez uma pausa para respirar. Quando recomeçou, falou mais pausadamente, com o olhar distante: – Só nos falta um presidente, mas até isso parece ser uma questão de tempo.

Seria capaz de jurar que aquele aparte lhe provocara um subtilíssimo sorriso de satisfação. Nessa altura não pude evitar olhar de relance para Miss Gross, quem sabe à espera de a ver partilhar o entusiasmo do meu interlocutor; mas não, limitava-se a assistir com uma expressão isenta.

Assim que recuperou do pequeno devaneio particular, Mr. Forrester perguntou-me:

– Acha-se, sinceramente, capaz de lidar com esse grau de expectativas? Está disposta a enfrentar uma legião de pais obcecados pelo sucesso dos filhos? Não me leve a mal, Miss Parker, mas estes alunos nada têm que ver com aqueles que deixou no Oregon e eles mesmos fariam questão de lho lembrar, logo na primeira aula. – Como se não esperasse qualquer resposta da minha parte, levantou-se prontamente. – Pense bem no que lhe disse. Conhecer o alcance dos nossos passos é uma virtude preciosa.

Magister dixit.

E pronto, recado dado, virou-me as costas e dirigiu-se para a saída. Nessa altura, deve ter-se lembrado de onde estava, uma vez que parou e olhou para trás.

– Sarah, calculo que esteja dispensado.

– Obrigada por ter vindo, Raymond.

Ele acenou com a cabeça e saiu, fechando a porta.

Quando voltámos a ficar sós, Miss Gross perguntou-me:

– Gostaria de acrescentar alguma coisa?

Sim, gostaria de poder dizer muitas coisas, pensei. Talvez até contar-lhe todas as razões para a minha presença naquela sala, naquele momento. No fundo, acho que Miss Gross tinha esse efeito nas pessoas. Abria-lhes as almas. Era um poder terrível que hoje agradeço à providência ter feito recair em alguém com o sentido de integridade daquela mulher.

– Por agora, não – limitei-me a afirmar.

– Como lhe disse antes, o seu processo vai ser avaliado de acordo com as etapas habituais e, assim que se conheça a decisão, será informada imediatamente – declarou Miss Gross, ao mesmo tempo que se levantava e me convidava a acompanhá-la até à porta de saída. – Kimberly, seja qual for o desfecho, desejo-lhe as maiores felicidades.

– Seja qual for o desfecho, estou certa de que valeu a pena ter vindo. Agradeço-lhe muito a disponibilidade e a cortesia com que me recebeu.

Despedimo-nos com um aperto de mão, sem saber se nos voltaríamos a ver. Bom, eu pelo menos não sabia.

Quando a porta se fechou atrás de mim, o meu espírito voava. Tinham sido muitas horas a imaginar aquele momento. Sabia que estas situações nunca correm como imaginamos, ainda assim, acreditava ter-me mostrado segura. Teria parecido demasiado assertiva? Sinceramente, julgo que não, de qualquer maneira, estava ali para me dar a conhecer. Saí tão cismada que estremei quando ouvi o meu nome.

– *Miss Parker, por favor...*

– Ah, Mrs. Aniston. Desculpe, estava distraída.

A secretária sorriu-me com compreensão. Quantas candidatas teria visto sair daquele gabinete com o mesmo olhar fugidio? Encaminhei-me para a sua mesa, quando reparei na rapariga que lhe fazia companhia.

– Miss Gross pediu-me que lhe apresentasse a Therese Fournier. Se estiver de acordo, esta nossa simpática aluna irá levá-la a conhecer um pouco melhor St. Oswald's – sugeriu Mrs. Aniston, enquanto sorria para a jovem.

– Terei o maior gosto, isto se a Therese estiver com disposição para me aturar, claro – afirmei, já muito mais leve.

A aluna devolveu-me o sorriso e, recordo-o bem, foi nesse preciso momento que comecei a simpatizar com ela. Devia medir pouco mais do que o meu metro e sessenta e sete, mas, apesar de sempre me ter considerado uma mulher elegante, aquela adolescente de ar atrevido conseguia ser muito mais magra do que eu. Vestia umas calças de fazenda que pareciam tão justas acima do joelho como largas em torno dos ténis desbotados. De resto, usava um casaco de camurça, comprido e sem botões, que escondia em parte uma *t-shirt* púrpura dos Jefferson Airplane. Não, não vestia uniforme. Na verdade, uma das primeiras coisas a chamar-me a atenção nessa breve visita ao colégio foi a ausência de uniformes. Nem alunos, nem professores, nem funcionários. Curioso, pensei.

O passeio que me preencheu o resto da manhã foi mais divertido do que instrutivo, muito por causa da alegria juvenil da minha guia. Limitei-me a seguir Therese ao longo dos extensos relvados, parando, de vez em quando, para que me explicasse o

que albergava cada um dos edifícios. A traça daquela arquitetura transportava-me para tempos que nunca vivera. Todas as construções eram revestidas a tijolo vermelho-escuro e as janelas enormes, contornadas com pesadas molduras brancas, acusavam os generosos pés-direitos que iluminavam. No meio das árvores, sem ordem aparente, dispunham-se altos candeeiros de ferro ou bancos de jardim em madeira pintada. Aqui e ali, pedestais com rostos de bronze perfilados e frases gravadas a cinzel: Dewey e o *roubo do amanhã*, Séneca, *Docendo discimus...* os ícones com que St. Oswald's povoava o lugar e a mente dos seus filhos. Os caminhos eram calcetados a granito e percorriam o perímetro do relvado, atravessando-o transversalmente uma única vez. Mas as imagens não bastam para descrever o colégio, até porque não eram mais eloquentes do que a sinfonia de odores interpretada pelos plátanos, faias, ulmeiros, carvalhos, bétulas e pinheiros, dispostos um pouco por toda a parte. À medida que caminhávamos, os cenários repetiam-se, idênticos nas cores e nas formas. Não foi difícil antever que, se o meu destino me trouxesse de volta àquele lugar, iria depender de um mapa por muito tempo.

– Oh, não é assim tão complicado – exclamou Therese. – No fundo, é bem mais simples do que parece. Basta que se lembre da figura de um pentágono. Num vértice, tem o edifício principal, onde nos encontrámos; continuando, no sentido dos ponteiros do relógio, encontra os dois pavilhões de aulas, a zona residencial feminina, o parque desportivo e, por último, o alojamento dos rapazes. Aí está, só tem de decorar a ordem.

Depois de agradecer a Therese – e à geometria – a eficácia tão simples daquela explicação, reparei nas horas. Era quase uma da tarde!

– Meu Deus, não vi o tempo passar! O comboio para Nova Iorque parte às quatro e meia. Tenho de correr para o hotel. Gostava de tomar um banho e comer qualquer coisa antes de ir para a estação.

Tínhamos acabado de regressar ao ponto de partida, mas ainda era preciso chamar o táxi.

– Therese, muito obrigada. Não poderia ter desejado um guia melhor.

Era verdade, Miss Gross não escolhera ao acaso.

– Foi um prazer, Miss Parker. Vemo-nos em setembro?

– Quem sabe, Therese, gostaria muito.

Gostaria muito? Isso era um eufemismo para a ansiedade com que ia esperar o veredicto de St. Oswald's.

Despedi-me finalmente da rapariga e dei início à penosa jornada de regresso.